

Margareth Rago. *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)*. Ed. Paz e Terra, 1991, PP 78

ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SOUSA Ilnar de. *O Cliente: O outro lado da prostituição*. Secretaria de Cultura e Deperto. São Paulo: Annablume, 1998.

SUQUET, Annie. O Corpo dançante: um laboratório da percepção. In: Courtine e Georges Vigarello. *História do Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 509-540.

VASCONCELOS, José Gerardo. A Dança do Conceito da Dança: Paixão, Embriaguez e Desmesura no Território do Prazer. IN: *Educação em Debate*. Fortaleza, Programade Pós- Graduação em Educação Brasileira- FAGED/UFC v.1, n.55, ano 30, ilust. Semestral, 2008, pp.129.

VASCONCELOS, José Gerardo e ADAD, Shara Jane. Entre o Corpo do Pesquisador e a Invenção da Ciência: Outro Pensar Sobre a Pesquisa IN- *Entre Línguas: Movimento e Mistura de Saberes*. Ed. UFC, 2008, pp. 217.

VASCONCELOS, José Gerardo e SANTOS, Verônica. Os Prazeres da Difícil Vida Fácil. IN- *Tribuna de Vozes*. Ed. UFC, 2011, PP.27-28.

O ENSINO DE HISTÓRIA E O “TEMPO PRESENTE”: UMA VIVÊNCIA

Assis Daniel Gomes

Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), bolsista PIBIC-URCA, membro do LABIHM (Laboratório de Imagem, História e Memória).

Introdução

A experiência do ensino de história, que aqui relatamos, foi vivenciada na disciplina de “Introdução a Prática da Pesquisa em Ensino de História” no ano de 2011. O projeto e finalidades dessa “matéria acadêmica” era aplicar, nas escolas públicas e privadas do Cariri cearense, os jogos pedagógicos que estavam dentro do projeto de extensão “Brincando com a História”. O material utilizado, nessa prática de ensino, fazia parte do acervo do IMOPEC (Instituto da Memória do Povo Cearense), essa entidade emprestou-nos para esse trabalho de extensão realizado pelo professor Cícero Joaquim, na disciplina citada acima. A equipe que integrávamos ficou para realizar o “Bingo Cultural”, para isso escolhemos a cidade de Santana do Cariri, levando assim em consideração alguns colegas que moravam no Estado de Pernambuco. A escola escolhida para realizar essa vivência foi o Centro Educacional e de Cultura Artística Sra. Sant’Ana.

Pensar o ensino da disciplina de história, em sua ação efetiva no presente, seria pensar algumas questões impostas para ela “hoje”. Por isso, ao lançar uma visada para o passa-

do e assim tecer uma explicação que não apenas seja racionalmente “científica”, mas também que busque despertar no mundo vivido, no “presente” o ardor de um passado que não está totalmente morto, mas que ainda possui resquícios que foram ao longo do tempo (re) apropriado e (re) significado.

Entender o presente seria colocá-lo em relação com o passado, vemos que as temporalidades não estão separadas, passado, presente e as perspectiva para o futuro se misturam. E assim, conseguiremos compreender os dramas da memória e do esquecimento, do social e cultural, do político e econômico. Segundo Le Goff (1999), a “história do tempo presente” deveria ser tomada em sua longa duração. A partir disso, inquietamos com as seguintes questões: como esse bingo nos possibilitará realizar um ensino de uma história atual e política, isso através de uma análise daquilo considerado patrimônio material e imaterial do Ceará? Mas, qual a noção de político que assumimos nessa reflexão? Entendemos conforme René Remond, que “hoje em dia o político concerne a tudo o que toca a existência individual: o corpo, a vida, o nascimento, a morte” (1999, p.59).

É importante ressaltar, também, a posição social vivida e defendida pela instituição, pelos seus fundadores, ou seja, a escola possuía uma ideologia religiosa, da qual se pode verificar no destaque em seu *slogan*: as imagens de Ana e sua filha Maria (mãe de Jesus). Nesses traços artísticos do desenho estampado na frente da escola e nas “fardas” de seus alunos, estava representada a *matrona* que ensinava a sua filha os preceitos da fé, de suas normas morais, sociais e culturais.

Esse educandário tinha como meta estar sempre “resgatando com Amor e Arte um Ensino de Qualidade”.

O Bingo Cultural, aplicado pelo grupo, estava composto de cartelas e cartilhas, as quais procuravam enfatizar em seu conteúdo pedagógico e educacional o patrimônio Cultural e a memória do Estado do Ceará. A brincadeira e o estudo eram ordenados a partir da tirada da pedra, pois nela possuía a numeração que indicava nas cartelas o patrimônio de que deveríamos conversar. E que quando ao folhear as suas páginas se visualizava a imagem de alguns dos patrimônios materiais e imateriais cearense, por exemplo, os Irmãos Aniceto do Crato, e ao lado dessa gravura continha um pequeno texto sobre a história desse grupo folclórico.

O objetivo do grupo em realizar esse jogo com os alunos das turmas de 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental era buscar uma forma didática e prazerosa para o ensino da História do Ceará e do Cariri, procurando colocar em relação o presente com o passado. Como também, ter um primeiro contato com a docência de uma forma prazerosa e vivê-la criticamente. Neste artigo, propomos analisar a experiência da prática de ensino, referentes à disciplina de histórica, no ensino fundamental através desse projeto de extensão, especificamente nas seguintes questões: como através do bingo podemos ensinar história do Ceará? Até que ponto esse recurso nos possibilitou isso? Quais os meios utilizados para transpor aquilo fornecido pelo jogo, tornando a aula mais prazerosa e mais próxima para a realidade social, política, cultural e mais presente para os alunos?

Vivência: entre Uma Pedra e um Patrimônio

No Centro Educacional Sant’Ana, localizado no centro da cidade de Santana do Cariri-Ce, foi onde ocorreu a experiência de ensino no ano de 2011. Algumas perguntas ao longo do caminho da cidade de Juazeiro do Norte para Santana iam-nos inquietando: Será que se teria uma manhã agradável, pois era a primeira vez de alguns integrantes do grupo na realização de uma prática de ensino na educação básica? Conseguiríamos passar o que nos propusemos realizar com o jogo? Como seria a recepção dos alunos ao nosso respeito e dessa experiência pedagógica através do jogo?

Essa instituição de ensino estava especificamente próxima ao Museu de Paleontologia da Cidade e do “ilustre” Casarão do Coronel Filinto, estando entre esses dois prédios-instituição possibilitava para os seus alunos uma permanência visual dos principais patrimônios, levando-os assim, a estarem sempre mais perto da História da cidade, de seus monumentos, dos seus acontecimentos locais de uma forma afetiva e palpável. Essas particularidades se tornavam perceptível no ensino de história demonstrado pelos alunos em seus *feedback* no diálogo sobre o conteúdo trazido por nossa proposta naquele momento, ou seja, quando falavam das conquistas, riquezas, dos “grandes acontecimentos” de Santana, sua vida política, privada, suas peculiaridades e a memória do passado local.

Devido a essa riqueza histórica que envolvia a Cidade, de suas pedras fósseis e seus casarões antigos, fiz o seguinte

questionamento: Como as crianças daquela comunidade conseguiriam detectar outros patrimônios que os jogos não relatavam, construídos em seu “tempo presente”? Quais seriam as especificidades de Santana do Cariri no ensino de uma história recente para aqueles jovens? E como naquele momento o ensino de História estava construindo pontes com o vivido pelos alunos?

Esses “lugares de memória”¹, citados acima, através da fala dos alunos não seria espaços de desprazer, mas de uma história menos abstrata e mais visível através dos sentidos daqueles que pisavam em seu terreno, eles nos possibilitaram trazer os sentidos para as coisas locais, o ser político estava sendo construído, sendo como a linha que liga duas partes e essas eram o vivido e o estudado. Favorecer, para eles, um prazer em tratar o conhecimento histórico não pode ser possibilitado apenas em formas de prender à atenção dos alunos, mas construir neles uma reflexão crítica de seu presente, do seu lugar. Isso proporcionado pelo reconhecimento afetivo do discutido, do interesse despertado sobre a disciplina e assim edificando novas percepções do cotidiano que se tornaram tão habituais para eles.

Essa forma de tornar o conhecimento histórico mais prazeroso, despertando leitores além das fronteiras acadêmicas, estaria embasada em uma perspectiva que começou a ser pensada em 1990. Construindo, assim amantes da histó-

¹ Segundo Nora, os lugares de memória são “com efeito da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (1993, p.21).

ria que se deleitassem com os trabalhos e juntamente a isso compreendessem a mensagem transmitida. A partir disso, começou a ser plantadas sementes na população brasileira que aumentavam o aperfeiçoamento e feitura de uma criticidade. Essa posição de alguns teóricos da prática de ensino em história foi importante para se perceber “que ensinar História é também ensinar o seu método (Segal) e, portanto, aceitar a ideia de que o conteúdo não pode ter tratado de forma isolada. Deve-se menos ensinar quantidades e mais ensinar a pensar (refletir) historicamente” (NADAI, 1993, p.159).

No dia 11 de Junho, chegamos a Santana do Cariri às oito horas da manhã, e fomos recepcionados pelo professor João Paulo e o Diretor, educador, “historiador” e escritor, Raimundo Sandro Sirão. Ele foi de grande importância nesse processo, pois nos acompanhava em todo o momento do Bingo com o seu conhecimento tanto na educação, na história local, sendo as suas intervenções eram sempre produtivas, pois apreendíamos através da fala e do diálogo que elas proporcionavam. Nesse sentido, estávamos ali não como sabedores da verdade e de um saber inquestionável, nos colocamos, portanto, em uma posição de mediação, de trocas de olhares e saberes.

Nessa experiência, tivemos a participação de 21 alunos das turmas de 7^a, 8^a e 9^a ano do ensino fundamental II. A nossa experiência estava assim dividida nesse grupo, que congregava várias idades e “níveis” escolares. No grupo de alunos temos contabilizado 76% de alunos da 7^a e 8^a, esse dado nos permitia detectar um possível nível de conhecimento, formas

pedagógicas de trabalho e atividade de criticidade. 90% deles possuíam entre 12 a 14 anos, esse dado nos fornecia aspectos do desenvolvimento mental e físico das crianças, pois entendemos que as mesmas possuíam um momento específico para algumas atividades, levando em consideração que cada fase do desenvolvimento aguçava aspectos da aprendizagem, ou seja, devendo também o professor perceber o momento ímpar do desenvolvimento psicomotor e psicossocial do aluno.

Essa consciência histórica, construída através de estratégias que propiciam a relação da escola com o social, das disciplinas/matérias com a vida socioeconômica e cultural dos alunos. Perceber assim a escola como um espaço de transformação,

Neste caso, essa consciência frutífera tanto no professor quanto nos alunos é que faz com que ambos cresçam: o professor quanto nos alunos é que faz com que ambos cresçam: o professor, porque adquire a consciência da dimensão de suas limitações e potencialidades, e os alunos porque passam a compreender e a se sentirem agentes da produção do conhecimento. E aí a relação torna-se mais salutar (porque menos autoritária), mais inteligente e menos parcial. O aluno abandona a condição de elemento passivo e se integra a uma nova postura, interferindo no processo. (FREIRE, 2001, p.111)

Devido a essa fase favorável, nos sentíamos felizes por termos motivado o diálogo e a reflexão, ela foi empolgante e “especificamente presente”, ou seja, todas as histórias referentes ao patrimônio contido em cada cartela permitiam uma comparação com objetos, fazeres e práticas locais. Isso

era sempre endossado, mesmo muitos desses “patrimônios” de Santana do Cariri não estando na cartela e nem terem sido mapeados e reconhecidos institucionalmente. O sentido de pertença e identidade estava sendo construído através das relações História x Memória, Tempo Presente x Patrimônio, Política x Cultura. Por isso, os alunos sempre intervinham nas explicações de cada patrimônio, nos atualizando e nos ensinando algo sobre o patrimônio da cidade que eles mais tinham contato.

A metodologia utilizada para a aplicação dos jogos contribuiu muito, pois houve um envolvimento de todos, que a cada pedra (número) chamada fazia um aluno se disponibilizar a ler, explicar e dar sua opinião. E esse ambiente, que se tornou favorável e de prazer, os motivavam a perguntar e questionar sem receio, isso aconteceu de uma forma natural sem nenhum desconforto e nem imposição de nossa parte. Segundo Freire, esse “é o momento do processo pedagógico em que ocorre a interação dialética e no qual professor e aluno descobrem, em conjunto, a vocação ontológica do homem tal qual pretendeu Paulo Freire: a vocação de se assumirem enquanto sujeitos do processo histórico” (FREIRE, 2001, p.111).

Os professores do Educandário quando iam comentar sobre os fatos, personagens e patrimônios do Ceará sempre também traziam para a sua realidade micro, colocando a sua cidade, seu campo de visão e sentido dentro da história. Logicamente, que eles tomavam os fatos como algo não distante dos acontecimentos que ocorreram na história de Santana do Cariri, fazendo com que a percepção e o ensino se tornassem

mais próximo, palpável e compreensível para os seus alunos. Isso devido à aproximação dos temas com a história da Cidade que levava os seus alunos a olharem sempre para a História vinculada para o seu cotidiano e presente.

A interação com os alunos a partir do jogo nos permitiu observar a variabilidade de formas com os quais os alunos podiam compreender e processar os conteúdos. Cada cartela nos favorecia ir além daquela estrutura tradicional do ensino, de uma aula mais dinâmica, de trocas de experiências entre alunos e professores. As relações entre as realidades vivenciadas pelos alunos e a vista nas cartelas do jogo, acabavam por esclarecer ainda mais sobre elementos simbólicos presentes na sua cidade, esclarecendo e problematizando lugares, tradições, ritos, dentre outras coisas. Na aplicação do jogo, também percebíamos que a curiosidade sobre a história dos locais e o significado dos símbolos era mais importante que vencer a competição, sendo através dessa forma lúdica que eles descobriam e ampliavam seus conhecimentos.

Lugares e tradições mais distantes da realidade de sua cidade faziam com que nós, os facilitadores desta atividade, tivéssemos um maior grau de dificuldade na explicação dos mesmos, mas também eram os que mais provocavam a imaginação e a curiosidade das crianças.

A história ensinada a partir de jogos e atividades lúdicas que relacionem os acontecimentos e personagens com as realidades dos indivíduos proporcionavam uma nova forma de desenvolver os conteúdos vistos na sala de aula. Saindo assim, do pragmatismo deixado pelos métodos tradicionais e incluindo

elementos mais ligados as realidades concretas destes indivíduos e dando a liberdade do universo lúdico, com o qual o conteúdo era assimilado e transformado. Possibilitando construir através disso, uma posição perante a vida social em que esses sujeitos sociais estavam engajados, mais também novas representações e sentidos para os patrimônios locais e regionais.

Percebemos que a maior dificuldade do interlocutor/professor estava em ainda não saber lidar com as possibilidades que emergiam de práticas inovadoras e que proporcionavam uma maior interação na sala de aula. A leveza do conteúdo trabalhado desta forma não deixava de carregar a grande quantidade de elementos necessários para a assimilação e o despertar crítico de crianças e jovens dentro da escola e frente à sociedade. O jogo ainda carecia de atender as necessidades específicas de cada região e de cada cidade, sendo assim ainda mais proveitoso para uma consolidação de uma história regional e de uma desenvolvida para a transformação dos sujeitos. Relacionadas a isso várias vezes os alunos questionavam por que outros lugares de memória e patrimônios não estavam sendo contemplados, e explicávamos que esse jogo para a sua fabricação foi preciso a equipe que organizou realizar algumas escolhas a partir de certos requisitos e metas, pois não era possível contemplar todos os patrimônios material e imaterial do estado do Ceará.

Considerações Finais

Para essa análise, utilizamos como dados tanto: a experiência-vivência na aplicação dos jogos, as respostas obtidas

dos alunos por um instrumental de avaliação, ele possuía 10 perguntas. Dessas formas procurávamos responder algumas questões, elas eram: 1- Você gostou do bingo? 2- Estudar a história do Ceará através do Bingo foi prazeroso? 3- como a história local se relaciona com a História regional? 4- Quais patrimônios culturais da sua cidade poderiam ser acrescentados no jogo? 5- Quais os patrimônios culturais do estado do Ceará que você conhecia? 6- O que você acha que poderia melhorar nos jogos pedagógicos? 7 — Descreva um fato ou algo marcante para você nessa experiência dos jogos pedagógicos? 8-Como você avalia as cartilhas? 9- Quais outros jogos poderiam ser criados envolvendo o patrimônio cultural do Ceará? 10- A cruzado-conhecimento específico da cartilha?

Analisando aqui os resultados obtidos, partimos do seguinte pressuposto: Outras formas se apresentam para o homem como instrumento para uma possível aprendizagem. E que quando a sensibilidade do sujeito é afetada, ela proporciona uma maior apreensão de saberes.

Os alunos do educandário entre outras respostas, 100% delas afirmavam que os participantes do Bingo tinham gostado dessa metodologia no ensino de História, pois, possibilitava um aprendizado vinculado a uma ação e práticas de diversão, alegria, de prazer. Entre essas respostas, a aceitação desse método de ensino foi expressiva. Entendendo assim, que a formação docente deveria preparar os professores dessa disciplina com meios que o possibilite ir além do dito e visto nos livros didáticos, nesse jogo, exclusivamente, possibilitava o professor também trabalhar outras áreas específicas para o

desenvolvimento do saber humano: a construção de um desejo de saber. Portanto, nessa procura do não visto, olhando para a relação professor-aluno, o discente deveria buscar contextualizar, aproximar o estudado com a vida-presente em que a escola/sociedade está engajada e a ele. Assim, trazer para a sua ação na sala de aula uma aproximação mais afetiva do aluno para o conteúdo.

Nessa experiência mais afetiva em que procuramos levar o ensino de História para os alunos, em um dos questionamentos sobre o que eles poderiam acrescentar ao bingo sobre o patrimônio de Santana do Cariri a memória e os desejos daqueles jovens expressaram as seguintes idéias: Pau de Bandeira de Santana, Igreja, Casa grande, etc. Olhar para as particularidades de cada cidade, os elementos próprios de um cotidiano às vezes desconhecido, mas cheio de assuntos interessantes e relevantes, eram a base para que a história se aproximasse ainda mais da vivência dos alunos na escola, e para que este conteúdo, muitas vezes “dogmático” e cansativo, tornasse naquelas horas um caldeirão de pesquisa e ensino, em que os alunos partilhavam os seus conhecimentos dialogando com os professores e fazendo-nos conhecer a “beleza” da docência.

Enfim, o que poderia ter marcado aquela manhã de troca de experiência de vida e saberes? Eles diziam que fora a facilidade de adquirir o conhecimento através do Bingo e o conhecimento de alguns patrimônios que não conheciam. Percebemos que essa resposta estaria pautada de um olhar para um mundo vivido que estaria além do local. E sendo esses jogos responsáveis por dar meios de treinar as percepções his-

tórico-culturais deles, aguçando visão deles para as relações sociais no presente, para sua história recente, para a construção de suas posições políticas. Para isso era necessário sair do micro para o macro, alavancar sensibilidades do patrimônio cultural do estado do Ceará para visualizar o Brasil, a ligação entre um e outro, sentir-se participante em sua propagação e significação.

Essa prática nos ajudou a pensar sobre o nosso próprio processo de formação, ou seja, tentamos puxar algumas reflexões que pudessem nos esclarecer e ajudar a reordenar o processo de “narrar” a história para as crianças. Pois, a educação hoje, possui vários desafios que *apriori* nos assustam, mas também ainda ela é possuidora de sabores, doçura para quem a faz com amor e dedicação. Outras questões nos foram suscitadas a partir dessa experiência em que trabalhos posteriores poderão dar continuidade.

Referência

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O espaço em cinco sentidos: sobre a cultura, poder e representações espaciais. In. *Nos destinos de fronteiras: História espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ªed. Recife: FJN, Editora Messangana; São Paulo: Cortez, 2006.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. In: carnal, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, temáticas e propostas*. 6 ed. São Paulo: contexto, 2012, p.37-48.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidade e ensino da história no Brasil. in: CARRETERO, Mário; ROSA, Alberto; GONZALEZ, Maria Fernanda. *Ensino da historia e memoria coletiva*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: ARMED, 2007, p.33-52.

_____. História nas atuais propostas curriculares. In: _____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.97-128.

_____. Livros e materiais didáticos de história. In: _____. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.295-324.

CAIMI, Flavia Eloisa. *Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980-1998)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. O mundo como representação. Tradução de Andréa Daher e Zenis Campos Rei. *Estudos avançados*. Revista de história. 11(5), 1991, pg.173-191.

FONSECA, Selma Guimarães. Como nos tornamos professores de história: a formação inicial e continuada. In: _____. *Didática e prática de ensino de história*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p.107-117.

GIARALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2008.

NADAI, Elza. O ensino de história do Brasil: trajetória e perspectiva. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.13, n.25/26, p. 143-162 set. 1992/ago. 1993.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, n.10, p.07-28, 1993.

PINSK, Carla Bassanezi; PINSK, Jaime. Por uma história prazerosa e conseqüente. In: carnal, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, temática e propostas*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.17-36.

RIOS, Kênia Sousa; FILHO, João Ernani furtado (org). *Em tempo: História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

SAVIANI, Demerval. *Educação brasileira, estrutura e sistema*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

SILVA, Marcos A. O prazer da historia. In: _____. *História: O prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RIOS, Kênia Sousa; FILHO, João Ernanifurtado (org). *Em tempo: História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

WADSWORTH. BJ. *Como Piaget conceitua o desenvolvimento*. In. *Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau*. Livraria. Ed. São Paulo, 1984, p.17-32.

A EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA DO SER PENSADEIRO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Adriana Conceição dos Santos

Acadêmica do 4º Semestre Letivo do Curso de Licenciatura em Filosofia no C.F.P. (Centro de Formação de Professores) da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), Campus Amargosa.
E-mail: dry-smile@hotmail.com

Jociel Nunes Vieira

Acadêmico do 6º Semestre Letivo do Curso de Licenciatura em Filosofia no C.F.P. (Centro de Formação de Professores) da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), Campus Amargosa.
E-mail: jocielnv@gmail.com

Introdução

Há muito se discute a relação do professor ao comportamento de desenvolvimento de aprendizagem do aluno. O modo de o professor agir é fundamentado num determinado conceito imposto pela sociedade, pode se afirmar que a escola é o ambiente mais importante da vida social do ser humano; assim, conhecendo todo contexto educacional é que podemos nos reconhecer como seres pensantes.

Sabe-se que, com os avanços tecnológicos, surgem novas atividades comunicativas, e em meio a estes avanços, sente-se a necessidade de preparar a criança de hoje para o homem de amanhã, considerando a complexidade das condições definidoras do mundo em que se vive e a qual o homem pretende se adaptar, não visando somente os conhecimentos, mas aptidões (aprender a aprender).